

## **Porque a Revolução não acontece**

O ato revolucionário ao qual estamos acostumados não possui méritos de uma Revolução com “R” maiúsculo, embora algumas ocasionem em grandes mudanças, historicamente nenhuma delas completaram o ciclo de princípio, meio e fim, nas mãos populares.

Ora o princípio até se deflagra no seio do povo, porém, ocorre por uma casualidade, e precisamente por assim ser, não se mantém sob o domínio do mesmo, enfim, não há como uma multidão pensar igualmente, pois por mais devota que ela seja a liderança revolucionária, ela jamais entregar-se-á por completa, tanto mental quanto fisicamente, assim como requer o sacrifício necessário para que um ato revolucionário em massa se efetive.

Considerando os pontos anteriores, percebemos nitidamente que uma Revolução só acontece em dependência de uma massa significativa, isto é, se não houver um massa partilhando exatamente das mesmas ideologias, nunca haverá uma Revolução. Portanto, é neste preciso quesito que se concentra a maior de todas as dificuldades para o ato verdadeiramente revolucionário. E crer um dia que as pessoas do povo abrirão mão para sempre do que elas apreciam fazer, é utópico. Sobretudo o que as mesmas encararem como responsabilidades, fazendo assim com que todas as pessoas pensem de maneira perfeitamente igual. Mas infelizmente, uma Revolução legítima, capaz de tornar as coisas definitivamente melhores, necessitará dessa interdependência: povo absoluto para uma Revolução absoluta.

Em uma analogia simples, o povo é como os pés de um corpo humano, e nosso desejo como povo é o de guiar esse corpo para as direções que mais nos interessam, entretanto, esquecemos que existe um grande poder que comanda os pés que, prosseguindo em analogia, este seria o equivalente ao cérebro. Logo, não adianta idealizarmos que os pés do corpo passem a governar a cabeça, decidindo por si mesmo para onde ir. Uma revolta popular nunca aconteceu na longínqua história da sociedade e jamais acontecerá. É muito mais concebível que o cérebro repentinamente resolva partir os próprios pés, a pensar que os pés um dia irão guiá-lo autonomamente. Em outras palavras, os pés são vulneráveis aos pensamentos incessantes que partem da cabeça, sendo que o cérebro, por sua vez, considera os pés úteis de alguma forma, mas não significa que um dia ele não poderá deliberar por trincar a sua extremidade inferior impensante.

Então, com o auxílio dessa analogia simples, porém muito relevante, podemos sacar o porquê da Revolução genuína nunca ter havido. Obviamente porque os pés são comandados pela cabeça, logo nunca que os comandados poderão comandar a cabeça.

É claro que, muitos irão discordar, pois são eles meros pés. Comandados, são incapazes de perceber o que são de fato, afinal eles não pensam, aceite ou não, essa é a realidade tal como ela é.

O embasamento para este estudo é profícuo, haja vista a série de exemplos que, embora sejam de uma sociedade tencionada a alienação, ela recebe ao longo da história e ininterruptamente oportunidades de finalmente se rebelar, como através e principalmente

da cultura e ainda assim não surtem efeito, por dois fatores irreversíveis: a já trivial estupidez fabricada pelo sistema que, e os inerentes fatores humanos que, por sua vez, agravam-na, isto é, o orgulho, a desconfiança, a autodesvalorização entre outros fatores altamente prejudiciais para o desencadeamento da Revolução.

Note então que, um homem que visa a Revolução, ele não luta exclusivamente contra quem está por detrás do sistema, e sim com todos, ele tem de combater a si mesmo, uma vez que ele também tem suas vontades próprias, e por isso errará diversas vezes, comprometendo o ato revolucionário significativamente.

Basicamente, a Revolução não acontece em nenhuma parte porque as pessoas dizem uma coisa e fazem outra. Ora elas se dizem compactuadas a um projeto revolucionário, mas elas não agem feito tal, continuando a viver suas respectivas vidas normalmente, esquecendo-se do princípio básico de começar a Revolução por dentro de si. E é exatamente disso que a Revolução precisa para acontecer: ela requer um grupo massivo de pessoas já revolucionadas por dentro, e nada mais. Logo se entende que, a Revolução individual não pode ser aplicada como uma injeção, tampouco pode ser bebida a partir de um frasco, cabem às pessoas descobrirem sozinhas, isso se dá por um processo de demasiada e profunda reflexão sobre si mesmo. E agora, diga-me quem é capaz de parar e refletir bastante e intimamente sobre isso? Mais uma vez recaímos sobre outra explicação para a Revolução não ocorrer.

Tudo isso quer dizer que, os materiais revolucionários são vastos, e sem contar com os meios que subsistem e que poderiam auxiliar em muito as suas práticas. Entretanto, as pessoas não se apercebem disso, não as aproveitam permitindo que elas passem batido, enquanto que tudo aquilo de cunho revolucionário deveria ser tratado como uma oportunidade de grande transformação é simplesmente ignorada, exatamente pelo fato de não fazer parte da indústria do entretenimento construída para administrar a inoperância crítica dos indivíduos da camada de baixo. Por essa razão, ideias valiosíssimas passam batido por quem as veem tamanho é o grau de anestesia intelectual em que as pessoas se encontram.

Informações valiosíssimas correm soltas, mas as pessoas não se dão conta. Não sabem valorizar o que lhes valorizam, daí o conceito da autodesvalorização, isto é, culturalmente os indivíduos apenas valorizam aquilo que lhes são inacessíveis, desde o sobrenatural até o que a elite prevê como útil para os seus próprios interesses.

O fato é que as pessoas chegaram a um nível de confortabilidade mental, onde elas conscientizaram-se de que são oprimidas a todo tempo, incomodam-se com isso, mas que, no entanto, não tomam nenhuma providência a fim de encerrar com o abuso.

O componente mais funcional com o qual o sistema dominante pode contar é o contentamento do povo, onde eles mesmos se dizem satisfeitos diante dos erros e acertos de quem os dominam. Então, se o próprio povo está contra si, não há motivos que dirija o dominador à preocupação. Salvo que, tal explanação faz parte do processo de manutenção da ignorância plebeia. A partir disso, pode-se concluir que a base principal à qual o dominador se escora não é diretamente o povo, ele calculadamente entrega os

instrumentos nas mãos do povo e deixa com que ele próprio construa o resto de sua desgraça. Em suma, o povo é capaz de cavar a própria cova, a cova que seguramente representa a eternidade de sua ignorância, cuja lápide poderia ser felizmente grafada com a seguinte máxima final: aqui jaz a perpétua ignorância nossa.

Onde houver povo, haverá extrema ignorância por parte deles para com eles mesmos.

Quem um dia acreditar no povo se decepcionará amargamente. Infelizmente é assim que é. É natural, uma vez que eles são criados para ser o que são.

O pior é que não estamos lidando somente com pessoas alienadas, o mais entristecedor é que muitas delas são consideravelmente conscientes, porém essa consciência morre dentro de si, pois ela não é aplicada de nenhuma maneira. Existem as exceções que adquirem conhecimento de alguma forma, entretanto, elas não aglomeram suas respectivas consciências a fim de se tornarem fortes contra a máquina. Elas simplesmente guardam para si e morrem com elas no túmulo do sossego de uma vida ainda mais sossegada.

Acreditar no povo é um otimismo que todos podem viver, e a falta de correspondência deste será o realismo que o acreditador sofrerá consequente e inexoravelmente.

Em outras palavras, deve haver regras a fim de se dissolver as antigas regras, para que estas que eram antigas sejam substituídas por outras novas. Enfim, mais uma vez infelizmente não é possível viver desregradamente.

No processo de liderança fica evidenciado o orgulho que chamei a atenção. Pois, uma vez que está arraigado nas pessoas a “submissão” como “dever”, isso mascarou a forma de respeito e admiração naturais, onde de acordo com o sistema vigente, prevalece a compra dos mesmos, isto é, a partir da relação chefatura-subalterno, é que se dará a obediência nata, querendo dizer que um determinado indivíduo aprendeu que só se atende aquele que lhe pagar em dinheiro. Logo, torna-se desnecessário dizer por que os empregados odeiam os seus superiores, afinal, o trabalho resume-se a cumprir ao que o escalão maior exige autoritariamente.

Note como a cultura “eles comandam e nós acatamos”, afeta diretamente o orgulho do proletário, onde este, ao sair do trabalho com a cabeça imbuída por um dia de ordenações, só pensa em apartar-se de novos ordenamentos sobre si, sendo que não é exagero dizer que o mesmo desenvolve uma paranoia considerável ao ponto de fazê-lo enfrentar tudo como a mesma autoritária ordem existente em seu trabalho.

Trazendo este orgulho herdado do próprio trabalho, o corpo proletário encontra séria dificuldade em se unir e se organizar, pois o seu modo paranoico de pensar, estorvará sua visão em relação ao grupo revolucionário, onde ele provavelmente resistirá à sujeição da liderança, como que se vingando do excesso de ordens corriqueiramente acatadas em seu dia a dia.

Seja qual for o viés revolucionário, para a Revolução acontecer, ela necessitaria de união proletária aos milhões e a liderança deste. Entretanto, conforme explanado antes, as pessoas não sabem reconhecer líderes genuínos por razões cultural-capitalistas, tampouco

estão dispostas a se submeterem a eles, por mais que seja em prol de uma causa revolucionária.

As pessoas aprenderam a ser unilaterais, não há respeito mútuo, o que em outras palavras poderia ser expresso da seguinte maneira: as pessoas não valorizam quem as valoriza que, neste caso é o líder revolucionário. Elas aprenderam sim a “ultravalorizar” (a isto podemos chamar idolatria) indivíduos que estejam inacessíveis a elas. Conclui-se automaticamente que, o requisito para ganhar a confiança popular é estar distante dela mesma, ela pensa erradamente que precisa estar inferior ao líder, e não trabalhando ao mesmo nível que ele, porém respeitando-o tal como ele se distingue, isto é, como seu líder. Logo, nesse momento a liderança é inviabilizada pelo próprio povo.

Portanto, supondo que o povo se unisse numerosa e milagrosamente, ele não seria capaz de revolucionar sozinho, pois dependeria do indivíduo líder para guiá-lo. O papel do líder é de extrema importância no processo revolucionário, ele sozinho tem a mesma importância que o povo unido, um depende do outro para se efetivar a Revolução, entretanto, o povo não sabe identificar líderes natos, e o maior empecilho de todos é a cultura da “submissão assalariada”, onde “liderar” soa como “mandar”.

Enfim, na relação povo-líder deve haver uma incondicional confiança de natureza recíproca, onde um integrante do povo deve morrer pelo seu líder se necessário for, e vice-versa. Isso quer dizer que, tanto para o integrante do “corpo-povo” quanto para o integrante do “corpo-líder”, será necessário uma troca de devoção máxima de ambos para ambos.

Definitivamente, as pessoas esperam que um líder para ser líder necessita ser sobre-humano, chegar ao mundo a partir de uma divindade superior para finalmente salvar a humanidade, ainda assim, eu diria que haveriam os questionáveis. Em outras palavras, se tivesse de elementar as características às quais o povo não aceita como um indivíduo líder, eis que são elas: ser constituído por carne e ossos, dirigir a palavra às pessoas, não viver entre os homens. Isto é, na idealização plebeia o seu líder jamais poderá ser igual a eles, tem de estar acima, tem de ser inacessível, sendo que a genialidade individual que deveria servir como fator determinante, jamais é levada em consideração. Tudo isso faz entender que o povo confunde o líder com o suposto Deus, por isso que de acordo com esse preceito, ninguém será escolhido como líder, muito menos será percebido como tal.

O precípua sintoma do alienado é pensar que não é alienado. Para ele, todos à sua volta são alienados, exceto ele próprio. Contradição da qual ele recai ao repetir os mesmos atos alienados dos outros a quem critica. Ora se não é alienado por que continua a agir feito um? Tenha certeza de que o alienado sempre encontrará uma “justificativa” para tal pergunta, mas nunca mudará suas atitudes na oportunidade que tiver.

Assim como o alienado, o capitalista ordinariamente não assume a posição que está ocupando. Muitas vezes ele se diz socialista, mas não é capaz de abrir mãos do consumismo que o entusiasma, menos ainda de entregar os seus bens individuais para o coletivo. Ser socialista não é para todos, portanto não é fácil como banalmente dizem ser. O requisito mínimo para ser socialista é o altruísmo, e isso é raríssimo de se encontrar no ser humano. No entanto, existe a chamada moda que, diga-se de passagem, é uma especialidade do

capitalismo, onde hodiernamente é promovida neste aspecto a falácia de que todos são sujeitos anormais, ora se todos são anormais como se diz, por que o mundo é normal?

Em suma, o mais duro golpe, capaz de desmembrar toda a estrutura de uma irrisória probabilidade de Revolução, consiste no proletário dizer uma coisa e fazer outra. Ou seja, eles desejam a mudança, conquanto, eles continuam fazendo tudo perfeitamente igual, isto é, eles são coniventes ao sistema que os exploram.

Considerando a série de fatos já apresentados, retomo a intitulação “Porque a Revolução não acontece”, reiterando que o povo não é capaz de salvar a si mesmo, uma vez que os dominadores são os que detêm os meios de produção alienatória e os conhecimentos para administrarem-no perpetuamente. Portanto, este trabalho não se trata de reforçar a fustigação da vítima desse processo denominada “povo”, pois isso seria como chicotear um cavalo morto, isso é apenas um esclarecimento quanto à causa e o consequente resultado que isso repercute nas pessoas. Em suma, esse material se junta a montante de exceções que se formaram ao longo dos tempos, mas que esse, assim como os anteriores e os que ainda virão, não serão capazes de mudarem nada sozinhos, resumindo-se apenas em uma obra elaborada de exceções para exceções.

Escrito por Anselmo Marinho em 13 de setembro de 2012.